



Foto: Foca Lisboa, interferência por Marcelo Lustosa

Atividade da 42ª edição do Festival de Inverno da UFMG: proposta construída coletivamente

O caminho é a **FORMAÇÃO**

Em vez de grandes shows e eventos de massa, oficinas, aulas e trabalhos colaborativos. Na sua 42ª edição, encerrada no último dia 29, o Festival de Inverno da UFMG reafirmou seu perfil formador. "Acredito nesse caminho", diz o professor Fabrício Fernandino, curador do Festival. Em entrevista ao BOLETIM, ele elogia o envolvimento de Diamantina na organização do evento, fala sobre a eterna dificuldade de captação de recursos e se revela esperançoso em relação às mudanças na Lei Rouanet, que permitirá a busca direta de verbas junto ao Ministério da Cultura.

Página 3

VIDA NOVA para 2,7 mil calouros

Páginas 4 e 5

De Tom Zé a José Augusto e **VICE-VERSA**

Marcos Fabrício Lopes da Silva*

Em *O sabor da vida* (1999), Gilberto de Mello Kujawski faz uma distinção esclarecedora entre os conceitos de cultura e erudição, observando que tais parâmetros costumam ser erroneamente tratados pelo senso comum como sinônimos. Para o filósofo, tal confusão corresponde a certa inclinação contemporânea de reduzir o saber aos dados. A erudição se concentra na capacidade humana de memorização. Sua propriedade dominante é a extensão, no sentido de que procura abranger um número cada vez maior de dados, cumulativamente. Sua intencionalidade é o dado positivo, que pode consistir em um documento, na experiência sensível, na informação do fichário ou do computador. Já a cultura se dirige ao exercício da reflexão feita individual ou coletivamente. Sua propriedade dominante é a compreensão, não só no sentido lógico, como no sentido gnoseológico. Sua intencionalidade é hermenêutica, ou seja, interpretativa, de modo a fazer do dado bruto um elemento inteligível.

Longe de desmerecê-la, a erudição é necessária, embora não suficiente ao saber completo. A cultura consiste na massa de dados empíricos fecundada, fermentada e transformada pelo raio de luz do espírito criador. Ela não é, de modo algum, autossuficiente, pois se alimenta da erudição como fonte material de sua alquimia sublimadora. Só a cultura integra a erudição no saber superior. A erudição não pode arrogar-se o papel da cultura, insistindo em fazer-lhe as vezes, pois seu labor, exclusivamente receptivo e cumulativo, embora indispensável, corresponde, figuradamente, ao fazer “braçal” da inteligência. A erudição é a serva da cultura. Para ilustrar tal situação, cabe o alerta pertinente trazido pelo escritor Ítalo Calvino, em *Cidades invisíveis* (1972): “de uma cidade não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas”. Ou seja, enquanto as inúmeras atrações urbanas são a linha de interesse da operação erudita, a interpretação de tais estímulos representa a elaboração cultural do cidadão.

Compreendo também que, por mecanismos de segregação social, buscou-se hegemonicamente diferenciar a cultura erudita (“alta cultura”) da cultura popular (“baixa cultura”). O poeta Diovani Mendonça propõe uma alternativa interessante para superarmos tal divisão. Para ele, a cultura é o caminho que vai de Tom Zé a José Augusto e vice-versa. Infelizmente, há uma tendência maniqueísta e redutora de se classificar o primeiro como artista erudito e o segundo como artista popular, ignorando a capacidade de ambos produzirem cultura. Experimente saborear as canções “O amor é velho-menina”, de Tom Zé (1992), e “Meu primeiro amor”, de José Augusto (1977).

Tom Zé poetizou a respeito dos confortos e desconfortos presentes na expressão amorosa, apresentando dialeticamente suas dimensões sublimes e viscerais: “o amor é velho, velho, velho/e menina/O amor é trilha/de lençóis e culpa/medo e maravilha/O tempo a vida lida/andam pelo chão,/o amor aeroplanos/O amor zomba dos anos,/o amor anda nos tangos/no rastro dos ciganos/no vão dos oceanos/O amor é poço/onde se despejam/lixo e brilhantes/orações, sacrifícios, traições”. Por sua vez, José Augusto trouxe com muita sensibilidade o dilema entre o luto e a melancolia que compõe as saudosas lembranças do eu-poético em relação ao seu primeiro amor, com direito a encontro, reencontro e desencontro entre os dois: “Foi numa festa outro dia/Que eu te encontrei a dançar/Namoradilha de infância/Sonhos da beira do mar/Você me olhou de repente/Fingiu que tinha esquecido/E com um sorriso sem graça/Me apresentou ao marido/E o resto da noite dançou pra valer/Se teus olhos me olharam fingiram não ver/No meu canto eu fiquei entre o riso e a dor/Lembrando do primeiro amor/Pra me beijar precisava/Ficar na ponta dos pés/Eu tinha então oito anos/Mas te menti que eram dez/Lembro você orgulhosa/Da minha calça comprida/Vínhamos juntos da escola/Sem qualquer medo da vida (...)”.

Entre o ideário local e o global, também existe um descompasso acríptico que favorece a cultura universal, tido como erudita, em detrimento da cultura regional, tratada

como exótica ou folclórica. Nesse debate, o consagrado jogador Cafu apresentou a mesma competência argumentativa do renomado poeta português, Fernando Pessoa, na defesa da postura ‘glocal’ como sendo a mais indicada para que possamos “pensar globalmente e agir localmente”. Ao levantar a taça da Copa do Mundo, em 2002, o capitão Cafu estampou na própria camisa da seleção brasileira a mensagem “100% Jardim Irene”, para homenagear a região periférica de São Paulo onde nascera. Sentimento semelhante moveu Fernando Pessoa que, por meio do heterônimo Alberto Caeiro, construiu os seguintes versos: “O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,/Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia/Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia”.

Cafu e Fernando Pessoa se saíram muito bem da armadilha erudita que pressupõe a excelência do conceito universal de cultura e propuseram como alternativa destacar e reconhecer a legitimidade cultural de todas as partes do globo. Agindo assim, eles estimularam o princípio da autonomia presente na concepção pluralista de culturas, não admitindo a opressão contida no termo cultura, expresso no singular. O futebolista e o poeta enaltecem os “princípios da fundação”, da região, da origem, do passado, do sentimento, presentes na evocação particular do bairro Jardim Irene e do rio da aldeia. Normalmente, tais valores são menosprezados pelas “ideologias da globalização” representadas por referências assimiladas mundialmente, como a Seleção Brasileira e o Rio Tejo, que se imaginam portadoras do futuro, do pragmatismo e da razão.

* Jornalista formado pelo Centro Universitário de Brasília (UniCEUB). Doutorando e mestre em Estudos Literários/Literatura Brasileira pela Faculdade de Letras da UFMG.

Esta página é reservada a manifestações da comunidade universitária, através de artigos ou cartas. Para ser publicado, o texto deverá versar sobre assunto que envolva a Universidade e a comunidade, mas de enfoque não particularizado. Deverá ter de 5.000 a 5.500 caracteres (com espaços) ou de 57 a 64 linhas de 70 toques e indicar o nome completo do autor, telefone ou correio eletrônico de contato. A publicação de réplicas ou réplicas ficará a critério da redação. São de responsabilidade exclusiva de seus autores as opiniões expressas nos textos. Na falta destes, o BOLETIM encomenda textos ou reproduz artigos que possam estimular o debate sobre a universidade e a educação brasileira.

Festival tem papel **FORMADOR**

Karla Ferreira

Antes mesmo do encerramento de mais um Festival de Inverno da UFMG, na última quinta-feira, dia 29, o curador do evento, Fabrício Fernandino, ensaiava um balanço da 42ª edição. Dizia que ainda estava sob o efeito da “emoção e da efervescência do encontro”, mas defendia a necessidade de uma avaliação institucional “mais isenta”, marcada para o mês de setembro. Nesta entrevista ao BOLETIM, Fernandino abordou as dificuldades para captar recursos, mas, a despeito delas, acredita que o evento, com sua proposta de formação de artistas, continua no caminho certo.

Que avaliação o senhor faz desta edição do Festival de Inverno da UFMG?

É uma avaliação ainda lastreada na emoção, na efervescência do encontro, extremamente positiva e emocionada de quem reconhece a importância do processo criativo, da arte e do festival na vida e na formação das pessoas. Mas precisamos, sim, de uma avaliação mais isenta. E ela já foi sinalizada pela Pró-reitoria de Extensão, pela Diretoria de Ação Cultural (DAC) e pela própria direção da Universidade. Uma avaliação isenta é necessária para apontar os novos direcionamentos do Festival. Afinal, um novo Reitorado está começando, e esta edição foi concebida no ano passado, ainda na gestão anterior. Tal avaliação será feita no início de setembro e aí vamos pensar na reformulação ou não do Festival.

É possível projetar alguma coisa para a edição de 2011?

O próximo Festival começa já na edição atual. É um processo continuado, o tempo todo pensamos em novas possibilidades. A proposta *Projeções, capturas e processos*, por exemplo, nasceu no ano passado. Trata-se de uma proposta ousada e que segue a direção da transdisciplinaridade, trabalhada desde o ano 2000. Sem abrir mão do caráter autoral, ela abre espaço para uma arte colaborativa, feita por muitas mãos, em um processo de envolvimento e de construção de algo novo.

O Festival se sente bem em Diamantina?

Diamantina é um espaço de encantamento, uma cidade de uma beleza que eu definiria como o barroco feminino. Ela, a exemplo do próprio Festival, traz surpresas



Foca Lisboa

Fabrício Fernandino: aposta em trabalhos colaborativos sem perda do caráter autoral

o tempo todo. Este ano, tivemos vários avanços. Conseguimos, por exemplo, que a Prefeitura de Diamantina participasse mais ativamente do processo de pensar o festival - não só de entrar com o recurso e ajudar na infraestrutura. O município também se envolveu no planejamento das oficinas, nas lutas e dificuldades de estruturar um evento desse porte.

Financiamento é um problema crônico do Festival. Há dificuldades de captação de recursos e eles acabam, muitas vezes, chegando até mesmo após a realização do evento. Como essa questão tem sido equacionada?

De fato, é uma luta hercúlea para conseguir dinheiro. Às vezes, iniciamos o festival sem ter fechado os contratos, e isso gera uma angústia enorme, mas trabalhamos com muita determinação. Mas não pode ser dessa forma, é um desgaste enorme. Nos últimos tempos, as próprias empresas que poderiam contribuir acabam direcionando recursos para seus centros culturais investirem em seu marketing, e aí não sobra dinheiro para um projeto do estilo do Festival de Inverno. Nesta edição, houve, ainda, uma agravante: por ser ano eleitoral, as empresas estatais que normalmente nos repassam recursos não puderam fazê-lo. Foi uma luta enorme viabilizar o evento. Tivemos que investir muito junto ao Ministério da Cultura e a própria UFMG se empenhou demais para garantir sua realização.

A nova Lei Rouanet contribui para mudar esse panorama?

A mudança na Lei ainda não foi aprovada, mas acredito que seja possível trabalhar na elaboração de um projeto para apresentá-lo ao Ministério da Cultura. A nova Lei Rouanet prevê a captação direta do recurso junto ao Ministério sem ter que passar pelas empresas. Além disso, ela vai estabelecer limites para investimentos das empresas em seus centros culturais. O que ocorre hoje é que os grandes patrocinadores são as empresas estatais. A iniciativa privada não se interessa muito por um projeto com o perfil do Festival de Inverno, que trabalha com uma diversidade de temas e aprofunda as discussões culturais e sociais. Quem investe em festivais de cultura são as estatais, como a Cemig, mas os recursos delas são pulverizados, não podem privilegiar um ou outro.

O Festival de Inverno adota uma linha de formação de artistas, o que de certa forma vai na contramão dos outros festivais espalhados pelo interior de Minas Gerais, focados nas atrações de massa e na necessidade de atrair público. O modelo adotado pela UFMG é sustentável?

Como curador do Festival de Inverno, acredito nesse caminho. Acho que o papel da universidade é esse. Abrir mão às vezes de eventos de massa para organizar eventos formadores, oficinas, aulas, trabalhos colaborativos. É uma proposta consistente, com densidade. Um evento, seja show ou peça de teatro, precisa ter características formadoras. Seria bárbaro um show do Arnaldo Antunes, mas para o Festival importa mais a palestra poética que ele apresentou, lotando o auditório em uma discussão sobre sentimentos e poesia. Isto, sim, é o papel da universidade.

Início de um novo **CICLO**

UFMG recebe, a partir desta semana, 2.700 calouros

Vicente Cardoso Jr.

Após o sucesso no vestibular e seis meses de espera, finalmente os mais de 2.700 calouros selecionados para ingressar na UFMG no segundo semestre de 2010 iniciam sua vida acadêmica. Para prepará-los para o novo ciclo, a Pró-reitoria de Graduação, juntamente com o Coordenadoria de Assuntos Comunitários (CAC) e as diretorias de unidades e colegiados de cursos, promove a Semana de Recepção dos Calouros, que vai desta segunda-feira, dia 2, a quarta-feira, dia 4.

“A graduação é um período muito importante, determina o futuro desses estudantes. Para esse processo ser vitorioso, o aluno precisa receber o máximo possível de informações sobre a Universidade e sobre o curso que escolheu”, afirma a pró-reitora de graduação da UFMG, Antônia Aranha. Além de explicar o funcionamento da Universidade, a Semana de Recepção tem como objetivo apresentar os diversos programas e projetos disponíveis ao aluno. “Assistência estudantil, atividades culturais, estágio, intercâmbio e muitas outras oportunidades podem tornar a vida acadêmica ainda mais proveitosa”, ressalta Antônia Aranha.

Boas-vindas

A Semana de Recepção de Calouros será aberta com as boas-vindas do reitor, Clélio Campolina, e da vice-reitora, Rocksane Norton. Nos dias 2 e 3 de agosto, a programação da Semana, comum a todos os cursos, promoverá a apresentação de diversas instâncias da Universidade: as pró-reitorias de Graduação, Pós-graduação, Extensão e Pesquisa, a Fundação Universitária Mendes Pimentel (Fump), as diretorias para Assuntos Estudantis e de Relações Internacionais, o Diretório Central dos Estudantes e a Ouvidoria da UFMG.

Completam a programação comum duas palestras voltadas para estimular a reflexão dos calouros sobre as novas responsabilidades e possibilidades como estudantes do ensino superior. Na manhã de segunda, o professor João Gabriel Fonseca, da Escola de Música e da Faculdade de Medicina, fala sobre o tema *Cuidar-se para produzir*. Em sua apresentação, pretende discutir o estresse crônico que acomete muitos jovens. “Ele tem causas diversas e pode trazer uma série de implicações negativas sobre a produtividade”, explica o professor.

“Certos alunos desenvolvem intolerância ao esforço, pois buscam uma formação mais fácil e se recusam a ler textos mais densos. Envolvem-se em diversas atividades e vivem com pressa. É preciso aprender a administrar essas implicações para não prejudicar o aproveitamento no curso”, explica João Gabriel Fonseca.

Na parte da noite, o palestrante será Juarez Dayrell, professor da Faculdade de Educação e coordenador do Observatório da Juventude da UFMG. O tema de sua

apresentação é *Juventude e Universidade*. A programação dos dias 2 e 3 de agosto acontecerá nos auditórios da Faculdade de Ciências Econômicas, do Instituto de Ciências Biológicas e da Reitoria. No dia 4 de agosto, os calouros serão recepcionados nos colegiados de seus cursos.

Novo perfil

No vestibular de 2009, a UFMG adotou duas medidas que têm influenciado no perfil dos alunos: a política de bônus – que aplica, na nota do vestibular, acréscimo de 10% a estudantes de escolas públicas e mais 5% aos alunos que também se autodeclararem negros – e o Reuni, que ampliou o número de vagas e de cursos, em especial no período noturno.

Os calouros que ingressam este semestre foram aprovados no segundo vestibular regido pelas duas novas medidas. Segundo Antônia Aranha, já é possível sentir transformações no perfil do ingressante na UFMG. “Em dois anos, a política de bônus teve um impacto muito positivo, aumentando a inclusão de alunos provenientes de escolas públicas, não só de Belo Horizonte, mas de todo o conjunto do estado”, aponta. O aumento mais significativo diz respeito aos egressos da rede estadual: em 2009, primeiro ano de adoção das duas políticas, a proporção de aprovados aumentou em dez pontos percentuais.

Com a entrada maciça de alunos de setores socioeconômicos mais desfavorecidos, a pró-reitora de graduação avalia que é preciso ampliar os investimentos em ações que assegurem a permanência deles na Universidade. “Essa garantia deve ser feita através de uma assistência estudantil eficiente”, declara Antônia Aranha. “Quando investimos na permanência desse aluno, garantindo condições de estudos iguais à do estudante em melhor situação socioeconômica, ele pode se dedicar integralmente à sua formação intelectual e profissional”, ressalta.

A pró-reitora aponta, ainda, que, em universidades que adotam ações afirmativas no processo seletivo há mais tempo, estudantes beneficiados têm desempenho equivalente e, no caso de alguns cursos, até superior ao dos demais alunos. “Isso já ocorre há alguns anos na UERJ e na UnB”, exemplifica.

Diogo Domingues



Calouros em atividade realizada no primeiro semestre de 2010: cartão de boas-vindas

Para não sair **ANTES DA HORA**

Alunos carentes contam com a assistência da Fundação Universitária Mendes Pimentel

A assistência aos estudantes carentes na UFMG se confunde com a sua própria história. Por meio da Fundação Universitária Mendes Pimentel (Fump), instituição que completou 80 anos em 2009, a Universidade tem um programa de assistência consolidado e com um objetivo claro: “a missão da Fump é equiparar oportunidades, amenizando as dificuldades do estudante carente durante sua trajetória acadêmica”, afirma a assistente social Marisnei Dourado, coordenadora de serviço social da instituição.

Os benefícios oferecidos pela Fump buscam suprir, prioritariamente, necessidades básicas do estudante: moradia, transporte, alimentação e assistência à saúde. No entanto, a entidade também investe em iniciativas que podem enriquecer a vivência e a formação universitária, como o financiamento de intercâmbio internacional e o programa de acesso a cursos de línguas estrangeiras.

Acesso

Para usufruir dos benefícios, o estudante deve passar por análise socioeconômica, que começa com o preenchimento de questionário disponível no portal da Fump. A entidade enviará para o e-mail do estudante uma lista específica de documentos a serem protocolados, de acordo com as informações registradas. Em seguida, o estudante é convocado para entrevista com um assistente social e, ao final do processo, obtém classificação socioeconômica nos níveis I, II ou III, caso a solitação de auxílio seja considerada válida. “O aluno pode realizar essa análise em qualquer momento do curso, inclusive aquele que não foi classificado anteriormente, pois a situação financeira do estudante pode ter sofrido alguma alteração”, explica Marisnei Dourado.

Os programas e serviços da Fump estão disponíveis de acordo com cada nível de classificação e critérios específicos. A lista de benefícios pode ser conferida no site da instituição: www.fump.ufmg.br. Confira ao lado as áreas de atuação da Fump e seus principais programas:



Arquivo Cedecom

Restaurantes universitários oferecem refeições de qualidade a preços subsidiados

Alimentação

Cardápio balanceado e variado a preço acessível é oferecido nos quatro restaurantes universitários administrados pela Fump: Setorial II, no campus Pampulha; campus Saúde, Faculdade de Direito e Instituto de Ciências Agrárias, em Montes Claros. Eles também servem café da manhã gratuito aos assistidos pela Fump.

Saúde

Por meio de serviço próprio ou de rede conveniada, a Fump oferece atendimento médico, odontológico e psicológico gratuito aos estudantes carentes. Estudantes não classificados também podem se valer do atendimento da rede conveniada, mediante pagamento direto, nos valores de tabela praticados para a Fump. Dependentes diretos de alunos da UFMG – classificados pela Fump ou não – também têm direito ao serviço, com o pagamento dos mesmos valores.

Moradia

Dois prédios em Belo Horizonte e um em Montes Claros abrigam alunos que não têm residência nas duas cidades. A candidatura a uma vaga pode ser feita por todos os estudantes de graduação e pós-graduação. Os usuários pagam mensalmente uma taxa condominial, subsidiada pela UFMG e tabelada em diferentes categorias, privilegiando os discentes de baixa condição socioeconômica.

Serviço Social

Com o objetivo de facilitar as condições dos estudantes classificados, a Fump desenvolve iniciativas voltadas à permanência do estudante. Algumas ações são o programa de apoio financeiro, que concede empréstimos em situações emergenciais, e a bolsa-manutenção, que pode ser concedida mensalmente e cujo valor total deve ser reembolsado pelo aluno após a graduação, com negociação da restituição dois anos depois da conclusão do curso.

Socioeducacional

Bolsas de estágio e participação em projetos, acesso facilitado a livros e materiais didáticos e apoio ao intercâmbio internacional são alguns dos programas socioeducacionais da Fump. Suas ações visam a fomentar o desenvolvimento pessoal e profissional e oferecer oportunidades para o estudante se preparar para inserção no mundo do trabalho.

VISÃO ampliada

Biblioteca da Fafich mantém centro de apoio ao deficiente visual

Itamar Rigueira Jr.

A UFMG abre mais um semestre letivo pronta para apoiar também alunos com deficiência visual, em qualquer grau. Instalado na Biblioteca da Fafich, localizada no térreo do prédio da unidade, no campus Pampulha, o Centro de Apoio ao Deficiente Visual (CADV) é dotado de equipamentos que transformam texto escrito em falado e que ampliam sua leitura na tela do computador.

Dessa forma, o CADV possibilita que os deficientes visuais tenham acesso ao material didático e, portanto, melhores possibilidades de responder às demandas de seus cursos. O Centro atende hoje menos de 10 alunos – de áreas como Engenharia, Medicina, Letras e Educação –, mas a coordenadora, Vera Nunes, acredita que existam outros estudantes que poderiam se beneficiar dos recursos oferecidos.

“Alguns jovens com dificuldades ainda não se sentem à vontade para nos procurar, outros não assumem a deficiência. Além disso, o CADV precisa chegar ao conhecimento de toda a comunidade”, afirma Vera Nunes, que espera preparar campanha de divulgação ainda este ano. Eventualmente, o Centro também atende professores.

Digitalização

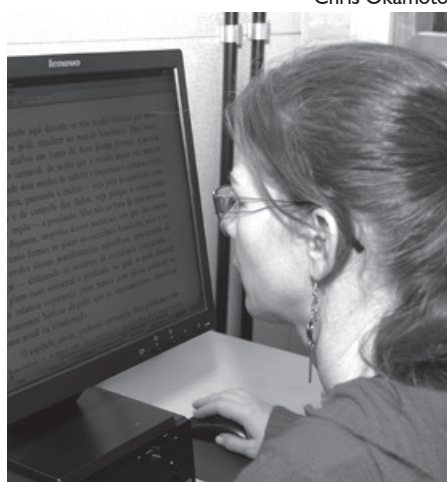
Além dos programas que permitem aos estudantes escutar o texto e da lupa eletrônica, que viabiliza a leitura no monitor para aqueles com visão subnormal, o CADV oferece o serviço de digitalização de textos. Nesse caso, o objetivo é permitir que o usuário possa, por exemplo, aumentar o tamanho da letra em seu computador doméstico para conseguir fazer a leitura.

Este é o caso de Janaína Pereira da Silva, que passou para o 4º período de Pedagogia e trabalha como vendedora. Com pouco tempo disponível para desfrutar a estrutura do CADV, ela encomenda a digitalização para estudar em casa. “Leio os textos em pdf com zoom de 160%”,

conta Janaína, que tem baixa visão em função do albinismo. Dizendo-se muito satisfeita com o apoio do Centro de Apoio ao Deficiente Visual, ela percebe mudanças positivas na cultura de instituições de ensino quanto ao atendimento de necessidades especiais dos estudantes.

Segundo a coordenadora do CADV, além de atender a estudantes da UFMG e aplicar provas, o Centro tem orientado alunos de outras universidades e mesmo representantes de algumas instituições interessadas em implantar serviços semelhantes. No âmbito da UFMG, ela espera intensificar a parceria com os professores. “Eles podem nos passar referências bibliográficas com antecedência, para que os textos sejam adequados às necessidades dos deficientes visuais”, diz Vera Nunes, que tem formação em letras e gestão estratégica da informação. Ela anuncia a intenção de construir acervo a partir, por exemplo, da produção de arquivos de áudio sobre gravações em centenas de fitas cassete.

O CADV conta com três cabines acústicas, quatro computadores em sua sala principal e máquinas como uma impressora em braille e outra para formato A3. O telefone é (31) 3409-5049.



Janaína Pereira: leitura com zoom de 160%

Chris Okamoto

Resoluções

Conselho Universitário aprova alteração de nome de pós-graduação do ICB

RESOLUÇÃO No 06/2010, DE 08 DE JUNHO DE 2010

Aprova a mudança da sede e alteração da denominação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Farmacologia Bioquímica e Molecular, do Instituto de Ciências Biológicas, para Programa de Pós-Graduação em Medicina Molecular, da Faculdade de Medicina.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, no uso de suas atribuições estatutárias e regimentais, considerando a proposta encaminhada pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Farmacologia Bioquímica e Molecular e a aprovação do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão - CEPE, resolve:

Art. 1º Mudar a sede e alterar a denominação do Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Farmacologia Bioquímica e Molecular, do Instituto de Ciências Biológicas, para Programa de Pós-Graduação em Medicina Molecular, da Faculdade de Medicina.

Art. 2º Revogam-se as disposições em contrário, em especial a Resolução no 10/2001, de 05/07/2001, que criou o Programa de Pós-Graduação em Ciências Biológicas: Farmacologia Bioquímica e Molecular do Instituto de Ciências Biológicas.

Art. 3º A presente Resolução entra em vigor nesta data.

Professor Clélio Campolina Diniz
Presidente do Conselho Universitário



TEATRO musical

Era uma vez um menino... é o novo musical que a Escola de Música da UFMG promove nos dias 6 e 7 de agosto. A entrada é gratuita. As apresentações acontecem no auditório Fernando Mello Viana da Unidade, às 16h e 20h (dia 6), e às 20h (dia 7). O espetáculo encena a trama de um conto de fadas cujo protagonista é um garoto que enfrenta obstáculos para triunfar contra o mal por meio de poderes sobrenaturais. O elenco é formado por alunos e funcionários de unidades acadêmicas da UFMG e por sete crianças, integrantes do Centro de Musicalização Infantil (CMI) e filhos de alunos e professores da Universidade.

O espetáculo é uma produção inédita do projeto Teatro Musical – Programas de Musicais da UFMG em parceria com a Drammato – Núcleo de Ópera e Teatro Musical, que completa três anos em 2010. O objetivo da iniciativa é impulsionar produções universitárias em dança, teatro e música. No dia 5 de agosto, às 19h, o elenco fará ensaio geral da peça aberto ao público, no mesmo local da apresentação. A Escola de Música fica no campus Pampulha, à avenida Antônio Carlos, 6627.

Volta ÀS AULAS

As livrarias UFMG oferecem descontos especiais em livros entre 3 e 20 de agosto na já tradicional promoção de volta às aulas em todas as livrarias da rede em Belo Horizonte, Montes Claros e Ouro Preto. Os descontos são a partir de 30% para livros de editoras universitárias e de 5% em obras das demais editoras. Conheça os endereços das livrarias na página www.editoraufmg.com.br. Mais informações pelos telefones (31) 3409-4642 / 3409-4561 ou pelo e-mail livraria@editora.ufmg.br.

FÉRIAS no Museu

Até 8 de agosto, o Museu de História Natural e Jardim Botânico da UFMG oferece programação especial de férias, aberta de terça-feira a sexta-feira e aos finais de semana. Caminhada monitorada nas trilhas, exposições permanentes e oficinas são algumas das atividades promovidas. O valor da entrada é R\$ 4 (menores de cinco anos e maiores de 60 anos não pagam). O Museu fica à rua Gustavo da Silveira, 1.035, bairro Santa Inês, próximo à estação Santa Inês do metrô. Informações pelo telefone (31) 3409-7607 ou no site www.mhnbj.ufmg.br.

HUME

A UFMG sedia esta semana, de 3 a 6 de agosto, o IV Colóquio Hume. As atividades, abertas ao público, ocorrem nos auditórios Baesse, da Fafich, e Sônia Viegas, da Faculdade de Letras, ambos no campus Pampulha. O objetivo do evento é promover discussões sobre o pensamento de David Hume, filósofo britânico do século 18, e suas contribuições nos campos da ética, epistemologia, filosofia política e metafísica. A promoção é do grupo de pesquisa Hume, do Departamento de Filosofia da UFMG. A programação está disponível em <http://grupohume.blogspot.com/>.

POSSE na Música

Será no dia 9 de agosto, às 18h, a posse dos novos diretores da Escola de Música da UFMG. A solenidade será no auditório da Unidade. Maurício Freire Garcia e Flávio Terrigno Barbeitas assumem os cargos de diretor e vice-diretor, respectivamente.

Freire graduou-se em música pela UFMG em 1987 e concluiu doutorado pela New England Conservatory (2002). Suas especialidades abrangem performance musical, análise espectrográfica, flauta, acústica, equipamentos de gravação e métodos. Já Flávio Barbeitas é bacharel em violão pela UFRJ (1992) e doutor em estudos literários pela UFMG e Università degli Studi di Bologna (2007). É estudioso da teoria da música.

80 anos da ARQUITETURA

A Escola de Arquitetura da UFMG está completando 80 anos de fundação nesta quinta-feira, 5 de agosto. Solenidade relembrará a história da Escola, a primeira da América Latina criada sem vinculação às escolas politécnicas de Belas-Artes e Filosofia. O evento está marcado para o auditório Martim Francisco Ribeiro de Andrada, da própria Escola de Arquitetura (rua Paraíba, 697), às 17h. Entre as atividades previstas para esse semestre, estão uma exposição no Palácio das Artes e o lançamento de um livro sobre a Escola, ambos ainda sem data definida.

Nova DIREÇÃO no Cedecom

O jornalista Marcelo Freitas assumiu esta semana a direção do Centro de Comunicação (Cedecom) da UFMG. Marcelo Freitas formou-se em jornalismo em 1981 pela UFMG, e trabalhou nos jornais "Diário do Comércio", "Hoje em Dia", "O Tempo" e "Estado de Minas". Mestre em Ciências Sociais pela PUC Minas, é autor do livro *Não foi por acaso*, que reconstituiu a história do conflito entre trabalhadores da Usiminas e soldados da Polícia Militar, em 1963, no Vale do Aço, e que ficou conhecido como "Massacre de Ipatinga".

Freitas substituiu a jornalista Nereide Beirão, nova diretora de Jornalismo da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), em Brasília, onde passa a responder pelo jornalismo da TV Brasil, da Agência Brasil e de oito rádios educativas.

Sem quebra de **DECORO**

Tese premiada reinterpreta arquitetura mineira do século 18
por meio de conceitos da época

Fernanda Cristo

Pensar a arquitetura religiosa do século 18 em Minas Gerais à luz de preceitos daquela época. Era esse o principal desafio do professor Rodrigo Bastos, da Escola de Arquitetura da UFMG, ao iniciar sua tese de doutorado em 2005. Até então, a arquitetura do período era analisada a partir de conceitos dos séculos 19 e 20, como originalidade, evolução de estilos e partido.

A pesquisa começou no mestrado, em 2003, quando Bastos se propôs a revisar um senso comum existente na história do urbanismo. “Na historiografia das cidades do século 18, predominava, sobretudo em Minas Gerais, a ideia de que elas teriam sido espontâneas, desordenadas e irregulares”, observa. Por meio do estudo sistemático das formações urbanas, de documentos primários e tratados de época, o professor provou, no entanto, que tais povoações seguiam preceitos fundamentais – como as doutrinas de conveniência e adaptação – que balizavam cidades erguidas em Portugal e em suas colônias.

No doutorado, ele ainda se debruçou sobre a reconstituição histórica do sentido de doutrinas e preceitos antigos, como decoro, decência, formosura, asseio, elegância, engenho, maravilha, discrição e agudeza, cujos sentidos acabaram transformados ou esquecidos a partir do século 19. “A palavra asseio é empregada, desde o século 19, com o sentido de higiene e limpeza. Mas no século 18, e até antes, referia-se a fábricas e objetos inventados e executados com elegância e primor”, diz.

Para desenvolver a pesquisa, Rodrigo Bastos estudou latim e recorreu novamente a documentos primários, disponíveis em Belo Horizonte, Mariana, Ouro Preto, Rio de Janeiro, Portugal e Itália. Ele também analisou tratados de arquitetura, retórica, poética e teologia da época. Defendida no ano passado, sua tese, intitulada *A maravilhosa fábrica de virtudes: o decoro na arquitetura religiosa de Vila Rica, Minas Gerais (1711-1822)*, recebeu em junho o Prêmio Marta Rossetti Batista, do Instituto de Estudos Brasileiros da USP.

Segundo o docente, a mentalidade artística do século 18 determinava a imitação do ‘costume’, o que pressupunha que as obras deveriam ser produzidas a partir de um modo ‘comprovadamente’ correto para os padrões da época. “Isso repousa em um conceito fundamental daquele tempo, o decoro”, pontua. Todas as obras, diz Bastos, deveriam observar o preceito, principalmente a arquitetura, na qual se acomodavam todas as demais artes de representação e ornamentos. Ainda segundo o professor, o conceito de decoro abriu uma janela inédita para a compreensão dos demais preceitos antigos. “Ele se baseava na busca de uma beleza adequada, e uma obra arquitetônica só poderia ser pensada como bela ou eficaz se fosse útil, cômoda e proveitosa”, resume.

Nada originais

Para Rodrigo Bastos, seu trabalho abre novas possibilidades de investigação do patrimônio arquitetônico luso-brasileiro. “Muito se fala que Aleijadinho e outros artistas foram originais, mas eles sequer consideravam isso”, pondera. Eles imitavam obras e autoridades consagradas do gênero assegurando o costume, a eficácia e o decoro. O professor também sugere a revisão da noção de que esses artistas eram geniais. “Seria melhor tratá-los como ‘engenhosos’, conceito que na época reconhecia as virtudes da



Rodrigo Bastos

Matriz do Pilar: barroco reinterpretado

invenção artística”, argumenta.

Ao analisar três das principais igrejas de Ouro Preto (a matriz do Pilar e as capelas do Carmo e de São Francisco de Assis) e seus documentos primários, ele também descobriu aspectos que ainda não haviam sido abordados pela historiografia. “Trata-se de interpretações renovadas da iconografia arquitetônica ou elementos que tinham sido demolidos dos edifícios e que podemos reconstituir historicamente através dos documentos”, conta.

O principal elemento, aponta Rodrigo Bastos, foi um zimbório de madeira construído no teto da capela-mor da igreja matriz do Pilar. Elemento comum na arquitetura europeia, o zimbório geralmente era alçado por cima de cúpulas e abóbadas que recobriam altares e capelas, permitindo a entrada de luz zenital, um símbolo da ressurreição de Cristo. O zimbório, que integrou o corpo da igreja durante 16 anos, foi demolido em 1770 devido a infiltrações.

EXPEDIENTE

Reitor: Clélio Campolina Diniz – Vice-reitora: Rocksane de Carvalho Norton – Diretor de Divulgação e Comunicação Social: Marcelo Freitas – Editor: Flávio de Almeida (Reg. Prof. 5.076/MG) – Projeto e editoração gráfica: Rita da Glória Corrêa – Impressão: Imprensa Universitária – Tiragem: 8 mil exemplares – Circulação semanal – Endereço: Diretoria de Divulgação e Comunicação Social, campus Pampulha, Av. Antônio Carlos, 6.627, CEP 31270-901, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil – Telefones: (31) 3409-4184 e 3409-4463 – Fax: (31) 3409-4188 – Internet: <http://www.ufmg.br> e boletim@cedecom.ufmg.br. É permitida a reprodução de textos, desde que seja citada a fonte.



UFMG

Boletim

IMPRESSO